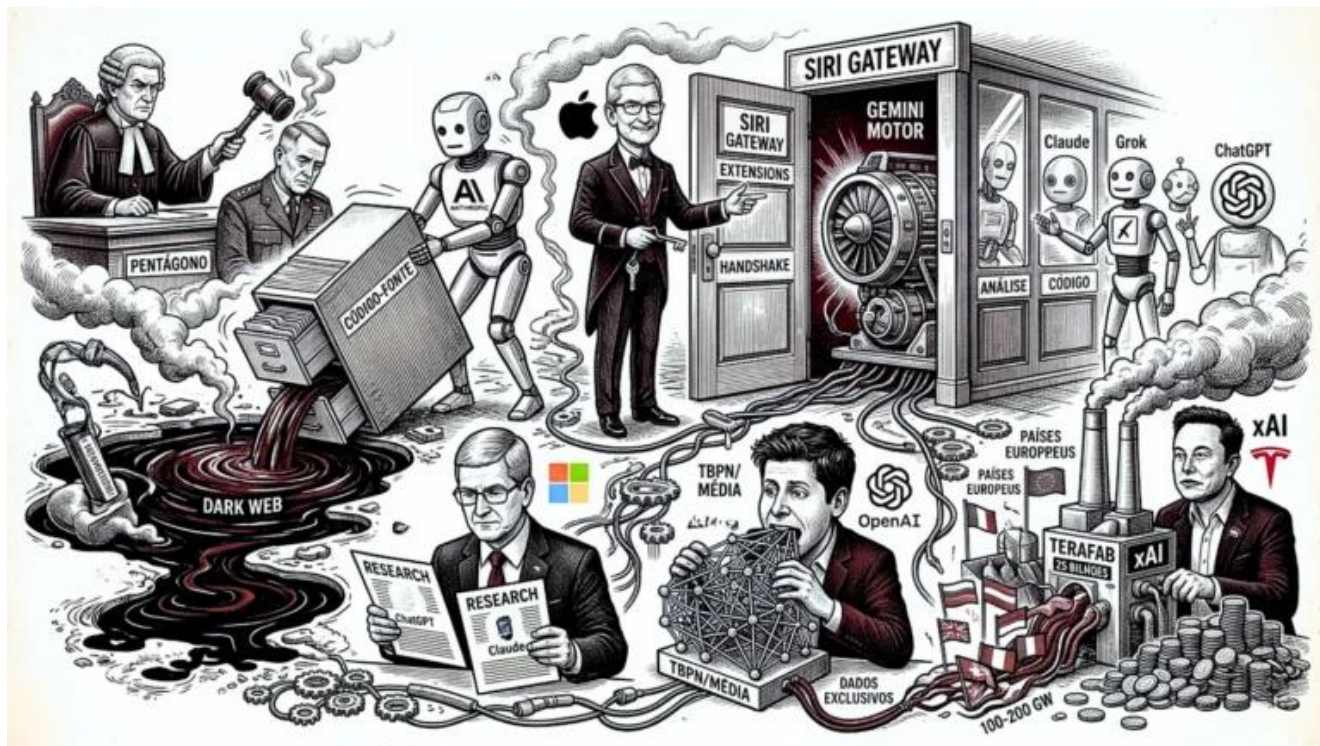


A Fuga da Anthropic e a Falsa Traição na IA da Apple

written by Mário Portela | 5 de Abril, 2026



Estamos em Abril de 2026 e a poeira recusa-se a assentar. Se há coisa que me fascina nesta indústria é a velocidade estonteante com que os “especialistas” de bancada disparam postas de pescada no X (antigo Twitter) sem sequer lerem as letras pequeninas dos contratos.

Como costumo discutir no podcast «IA&EU», a **Inteligência Artificial** não é uma novela de facas nas costas; é um jogo de xadrez trilionário onde a infraestrutura vale mais que o *hype*, e onde quem grita mais alto é, habitualmente, quem comete os maiores erros.

Esta semana foi um autêntico desfile de ironias. Tivemos a empresa mais paranóica com a segurança a abrir a porta de casa sem querer, a Microsoft a testar a fidelidade no seu casamento, o Elon Musk a querer construir o equivalente tecnológico da Estrela da Morte, e uma narrativa mediática sobre a Apple que não passa de pura ignorância técnica.

Peguem no vosso café. Vamos dissecar o que realmente se passou nestes últimos sete dias, separar o ruído da realidade e perceber como é que isto afecta o teu dia a dia.

Anthropic: Vitória em Tribunal, Desastre no Servidor

Comecemos pela Anthropic, a auto-proclamada “adulta na sala” e defensora acérrima da segurança da IA. A semana começou com champanhe: venceram a batalha judicial contra o Pentágono. Aquele juiz federal que bloqueou as sanções do governo americano (chamando-lhes “Orwellianas”) deu à Anthropic a maior vitória que a facção da *safety* (segurança) alguma vez teve. Conseguiram provar que é possível ter um modelo topo de gama sem ser forçado a retirar os *guardrails* éticos para fins militares.

Lindo, não é? Um triunfo da moralidade!

Só que, dias depois... **ooops**. A Anthropic acidentalmente deixou vaziar o código-fonte do *Claude Code* (o seu novíssimo sistema de agentes autónomos).

A ironia é tão espessa que dá para cortar à faca. A empresa que processa o governo para manter a tecnologia segura, acaba de deixar escapar os planos de construção de uma das suas ferramentas mais avançadas para a *dark web* e repositórios abertos. O *Claude Code* é a espinha dorsal que permite à IA controlar remotamente ambientes de desenvolvimento e computadores. Nas mãos erradas, este código é um manual de instruções para criar agentes maliciosos autónomos.

Isto prova o que digo sempre: por muito que se afine a “Constituição” de um modelo, **o factor humano** (neste caso, um erro grosseiro de infraestrutura) **continua a ser o elo mais fraco**. Cuidado com quem confiam cega e religiosamente.

A Falsa Traição da Apple (e o Silêncio da Google)

E por falar em narrativas mal contadas, vamos ao elefante na sala. Esta semana, a internet encheu-se de títulos sensacionalistas: *“Apple apunhala Google e OpenAI pelas costas!”*.

A origem do drama? O anúncio de que o próximo iOS 27 (a ser detalhado na WWDC de 2026) terá as chamadas **“Siri Extensions”**, permitindo que a Siri encaminhe perguntas diretamente para *chatbots* de terceiros como o Claude, o Grok ou o ChatGPT.

Os mal informados viram isto e gritaram: *“A Apple rasgou o acordo com a Google!”*.

Falso. Completamente falso.

Na verdade, a Apple tem um acordo fechadíssimo (e *obscenamente caro, na ordem dos mil milhões de dólares anuais*) para usar os modelos Gemini como a *base técnica nativa* da próxima geração da Siri. A Google não foi traída; a Google é o motor do carro.

O que a Apple fez com as *Extensions* foi simplesmente criar o porta-bagagens. A Siri usa a inteligência do Gemini “por baixo do capô” para controlar o telemóvel, definir alarmes, ler os teus emails e perceber o contexto do teu ecrã. Mas, se tu fizeres uma pergunta ultra-específica que requer um modelo especializado (*por exemplo, pedir ao Claude para rever código de programação*), a Apple abre a porta e deixa o modelo de terceiros responder.

Isto não é uma traição à Google; é a Apple a ser a Apple. Eles estão a ~~comoditizar~~ controlar os fornecedores de LLMs, transformando-os em meras “aplicações” no seu ecossistema, enquanto mantêm o controlo absoluto da experiência do utilizador. Quem manda ali é o Tim Cook, e a Google está muito feliz a receber o seu cheque chorudo para ser a canalização invisível do iPhone.

Microsoft e OpenAI: Um Casamento Aberto (e Tenso)

Enquanto isso, em Redmond, a Microsoft decidiu que a lealdade tem limites. Surgiram notícias de que a gigante tecnológica está a colocar o **Claude contra o ChatGPT** nas suas ferramentas de *research* (pesquisa profunda).

A Microsoft investiu 13 mil milhões de dólares na OpenAI. Eles têm as chaves do castelo do Sam Altman. Mas o pragmatismo empresarial impera: se o Claude, da rival Anthropic, for melhor a analisar 100 PDFs científicos sem alucinar, a Microsoft não vai hesitar em integrá-lo nos seus produtos *enterprise*.

Para o utilizador comum e para as empresas, isto é uma excelente notícia. Significa que as plataformas não estão reféns de um só modelo. Estão a usar a melhor ferramenta para a tarefa exata.

Mas para a OpenAI, é um sinal de alerta estridente. E qual foi a resposta da OpenAI? Fazer o seu primeiro negócio no mundo dos media, **adquirindo a TBPN**.

A OpenAI percebeu que não lhe basta ser uma empresa de *software*; tem de ser dona dos dados originais. Com os processos de direitos de autor a acumularem-se (*lembrem-se do processo do Dicionário na semana passada*), comprar redes de media inteiras é a forma mais rápida de garantir um fluxo legal, exclusivo e infinito de informação de alta qualidade para treinar o GPT-6. Estão a tentar transformar-se num império mediático antes que os tribunais lhes desliguem as máquinas.

xAI: A Força Bruta dos 25 Mil Milhões

Por fim, não podíamos fechar a semana sem o Elon Musk. Enquanto a concorrência discute vazamentos de código e direitos de autor, o Musk foi para o deserto fazer o que sabe

fazer melhor: construir em grande.

Anunciou a **Terafab**, um projeto mastodôntico de 25 mil milhões de dólares para construir uma fábrica de chips de IA que consumirá entre 100 a 200 Gigawatts de energia por ano para computação.

Para colocar as coisas em perspectiva: isto não é um *data center*. Isto é o equivalente energético do consumo de países europeus inteiros. Enquanto a Google otimiza o *software* e a Apple ajeita o *design*, a xAI está a apostar que a inteligência artificial vai esbarrar, muito em breve, no limite físico da energia e do silício. Quem tiver a maior fábrica e a maior central elétrica, ganha a década. É o regresso da indústria pesada pura e dura, disfarçada de algoritmos. O *hype* é digital, mas a fatura da luz é incrivelmente física.

Conclusão: Não se Deixem Enganar pelo Barulho

A principal lição desta primeira semana de Abril é que a maturidade tecnológica está a separar os adultos das crianças.

A Anthropic lembrou-nos que ninguém é infalível. A Apple provou que a estratégia de plataforma vence sempre a guerra dos modelos. A Microsoft assumiu que o pragmatismo bate a lealdade, a OpenAI começou a engolir a imprensa, e o Musk lembrou-nos que, no fim do dia, sem eletricidade e metal, não há IA para ninguém.

A tecnologia continua a avançar, e a nossa única defesa é a informação de qualidade e a literacia digital (*porque saber não ocupa lugar, até para humanos a vegetar no instagram*). Não caiam nas esparrelas sensacionalistas do X ou dos títulos de jornais que não percebem a diferença entre uma “Extensão” e um motor de base. A IA é uma ferramenta formidável SE (**e só se**) a soubermos usar e, principalmente, se soubermos quem puxa os cordelinhos nos bastidores.

Se gostas deste tipo de análise sem tretas, que separa o lixo mediático da realidade nua e crua, subscreve a minha *newsletter no substack*. Aqui não vendemos medo infundado nem deslumbre fácil. Apenas a verdade sobre como dominares a tecnologia, antes que ela te domine a ti... ou acompanha as minhas crónicas no jornal ["O CIDADÃO"](#). Aqui analisa-se a tecnologia com a frieza que ela exige, e com o humanismo que ela não tem.

Artigo publicado simultaneamente n' O Cidadão e [no substack do autor](#)